

â€”No morirÃ© fÃ¡cilmente, soy una Guerrera del Aula.1

â€”Si lo eres, lucha contra la inmovilidad.

â€”Lo harÃ©, pero Â¿cÃ³mo cruzar los lÃmites de la FantasÃ-a del Aula?

â€”La FantasÃ-a no tiene lÃmites...

â€”Eso no es verdad; Â¿mientes!

â€”Tonta, aÃºn no te has dispuesto a vivir la FantasÃ-a. Es el mundo ilimitado de las diferencias.

â€”Entonces, Â¿por quÃ© agoniza la FantasÃ-a del Aula?

â€”Porque sin ella, los Auleiros son fÃciles de arrebatar, despojar, entristecer, aniquilar.
tu Aula

se clava en la gran tierra callosa del mundo de la poesÃ-a

hecha de cielos mares estrellas dioses diamantes hierbas hombres

allÃ- canta el ruiseÃ±or de Keats

de 17 aÃ±os Rimbaud realiza el primer experimento

toca paisajes escribe vÃrtigos

inventa el barco

(De un momento a otro, todo oscurece, Auleira enciende una vela. Un fantasma del Aula flota hacia la llama y cae muerto. Antes de cerrar el Cuaderno de Notas y de soplar la vela, ella todavÃ-a tiene tiempo de pronunciar una frase del Padre Antonio Vieira: Â«Lo siento por tan larga clase, pero no tuve tiempo ni coraje para hacerla breveÂ»). encuentras a Alberto Caeiro maestro de los heterÃ³nimos

salido un poco del escritorio anuncia que

un Aula camina hasta

donde el arroyo brota de las raÃces

detrÃs viene Fernando Pessoa murmurando

el Aula imita o miente en todo lo que crea

siente con la imaginaciÃ³n en las alturas Archibald MacLeish dibuja su Ars Poetica

una clase debe ser palpable como un fruto redondo

o como viejos medallones entre los dedos

tiene que ser callada como la luna que aparece

debe ser y no significar

en las alas de las perdices Pablo Neruda canta el Poema xviii

las aulas no se descartan ni se suman

arden de dulzura y se enfurecen en el exilio Murilo Mendes se retuerce de la risa con

las clases en familia que tienen como testigo a la Gioconda en el sÃtano Baudelaire baja el Aula de los cielos

en sus alas impregnadas de sal

MallarmÃ© se embarca para ir a la fiesta creadora

en la que suena el violÃ-n de Verlaine Â en la biblioteca Jorge Luis Borges anuncia

amamos las Aulas que no conocemos y que olvidamos

las antiguas no nos decepcionan porque son mito y esplendor

las formas mutantes de las clases urdidas con lo que se ha postergado

y que apenas desciframos en el periÃ³dico Aurora Walt Whitman invita a asistir a sus clases

para tomar lo mejor que ellas tienen

para necesitar del contacto con almas y cuerpos en el balcÃ³n Apollinaire suplica que el Aula sea los obuses de los boches

para matarla de sÃboto amor el Aula no es ni nunca serÃ sobriedad

se hace exceso exageraciÃ³n desmesura desmedida orgÃ-a en ella se oye la CanciÃ³n de la inocencia de William Blake
las Aulas de la noche con sus patas colosales

galopan entre las viÃas

buscando los escombros del paisaje que fue Hilda Hilst

en sus rincones secretos Manuel de Barros recita pactos

y Proust oye aves en las clases de Beethoven Hokusai suplica tener ciento diez aÃ±os de vida para que toda Aula

quepa en un puntito de su pincel de pelo de marta en el Aula delirante la EducaciÃ³n vive abierta

el Cementerio Marino de ValÃ©ry contempla

el dÃ-a que incendia el mar

se reanuda siempre

y es recompensa despuÃs de pensar Florbela Espanca sueÃ±a en una Aula la vanidad de ser la poetisa elegida

cuanto mÃs alto vuela se despierta del sueÃ±o y nada es El hombre sin atributos de Musil cuenta en clave que

el mejor escondite del Aula es el plan en la bÃsqueda eterna de la poesÃ-a

Drummond invita

llega mÃs cerca y contempla las Aulas

cada una tiene mil caras secretas bajo la cara neutra

sin interÃs indaga por la respuesta pobre y terrible que le diste

Â¿trajiste las llaves ? entonces le dices que no las tienes
 sÃ³lo poemas de luz en la fuente
 imposibles de medir objetivamente
 como velas en un cuarto oscuro se ven brillantes pero jamÃ¡s serÃ¡n el sol con MÃ¡rio Faustino las Aulas
 estÃ¡n contra el peso del mundo y la pureza de los Ãngeles
 tienen alma cantora y risueÃ±a
 imantada por luces y canciones
 vibra y palpita el ritmo contra los ojos huecos de la muerte
 son armas cargadas de futuro nuestra Aula
 apunta directo a los pechos flechas de poesÃ­a
 lanza intenciones piadosas
 no pide definiciones precisas
 nunca ordena
 Â«va por ahÃ­- Â» huracÃ¡n frenÃ©tico que se desata
 ola del mar que se eleva
 un Ãtomo mÃ¡s que se anima pecados sin adornos veredas de escamas
 papeles hÃºmedos de tinta desiertos de girasoles rÃ­os de anochecer
 abismos sangrientos que tocan el fondo
 amor de suicidas que se matan sin explicaciÃ³n
 mÃ¡s allÃ­ de sus penas Aula
 canta tus poemas
 como el aire trece veces por minuto
 para originar impulsos valentÃ­a herramientas
 en la fertilizaciÃ³n de tantas otras

Â

Referencia

Lessing, Doris, El cuaderno dorado, trad. de Sonia Coutinho y EbrÃ©ia de Castro Alves, CÃ­rculo del Libro , SÃ£o Paulo, 1972. VersiÃ³n del portuguÃ©s de Jonathan Alexander EspaÃ±a Eraso

Auleira*

Â«NÃ£o morrerei tÃ£o facilmente, sou uma Guerreira de Aula. / Â«Se Ã©s uma Guerreira, luta contra o Imobilismo. / Â«AtÃ©
 faria, mas como cruzar os limites da Fantasia de Aula? / Â«Ora, Fantasia nÃ£o tem limites... / Â«Isto nÃ£o Ã© verdade; mente
 Â«Tonta, nÃ£o te dispuseste ainda a viver a Fantasia. Â«o mundo das diferenÃ§as; logo, Ã© ilimitado. / Â«Mas, por que a
 Fantasia de Aula agoniza, entÃ£o? / Â«Porque sem ela, os Auleiros sÃ£o mais fÃ¡ceis de arrebanhar, despojar, entristecer,
 aniquilar. // tua Aula / crava-se na grande terra calosa do mundo da poesia / feito de cÃ©us mares astros deusas
 diamantes ervas mortais / ali onde canta o rouxinol de Keats // Rimbaud com 17 anos faz o primeiro experimento / toca
 paisagens escreve vertigens / inventa o barco // encontras o mestre dos heterÃ¢nimos Alberto Caeiro / saÃ­do a pouco do
 escritÃ³rio na Baixa que diz / passa uma Aula adiante / onde o arroio brota das raÃ­zes // e atrÃ¡s vem Fernando Pessoa
 ele-mesmo resmungando / dizem que a Aula finge ou mente tudo o que faz / simplesmente sente com a imaginaÃ§Ã£o //
 num promontÃ³rio Archibald MacLeish desenha sua Ars Poetica / uma Aula deve ser palpÃ¡vel como um fruto redondo /
 ou velhos medalhÃµes ao toque dos dedos / deve ser calada como a Lua subindo / deve ser e nÃ£o significar // nas asas
 das perdzies Pablo Neruda canta o Poema xviii / Aulas nÃ£o se descartam nem se somam / ardem de doÃ§ura e se
 enfurecem // no exÃ­lio Murilo Mendes estrebucha de rir com / Aulas em famÃ­lia que tÃªm por testemunha a Gioconda //
 na Ã­gua-furtada Baudelaire baixa a Aula do seu reino aÃ©reo / em cujas asas encharcadas de sal / MallarmÃ© embarca
 para ir Ã festa possÃ­vel / lÃ¡ onde soa o violino de Verlaine // na biblioteca Jorge Luis Borges sussurra / amamos as Aulas
 que nÃ£o conhecemos e as jÃ¡ perdidas / as antigas que nÃ£o nos decepcionam mais porque sÃ£o mito e esplendor / as
 mutantes formas de Aulas feitas do que foi esquecido / e que mal deciframos // no jornal Aurora Walt Whitman convoca
 a virem a si as suas Aulas / tomarem o melhor que ele tem / pois precisa demais do contato com almas e corpos // e na
 sacada Apollinaire suplica

a serÃ¡ de sobriedade / mas do excesso exagero desmesura desmedida orgia // nela ouve-se a CanÃ§Ã£o da inocÃªncia
 de William Blake // as Aulas da noite soberbas altas com suas patas / galopam entre as vinhas / Â busca dos escombros
 da paisagem que foi Hilda Hilst / em seus recantos e desvÃelos //Â Manuel de Barros recita avencas / e Proust ouve aves
 e beethovens de Aulas // Hokusai pede cento e dez anos de vida para que toda Aula / caiba num pontinho do seu pincel
 de pÃ¡lo de marta // na Aula dementada em que a EducaÃ§Ã£o vive aberta / do CemitÃ©rio marinho ValÃ©ry contempla / o
 dia que incendeia o mar / que recomeÃ§a sempre e Ã© / recompensa depois de um pensamento //Â

Florbela Espanca sonha na Aula a vaidade de ser a poetisa eleita / e quanto mais no alto voa acorda do sonho e nada
 Ã© // o Homem sem qualidades de Musil segreda que / o melhor esconderijo da Aula Ã© o plano // Â procura eterna da
 poesia Drummond convida/ chega mais perto e contempla as Aulas / cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra
 / e te pergunta sem interesse pela resposta pobre ou terrÃ­vel que lhe deres / trouxeste a chave? // entÃ£o lhe dirÃ¡s nÃ£o
 hÃ¡ /Â sÃ³ poemas luminescentes de radiaÃ§Ã£o luminosa na fonte / impossÃ­veis de medir objetivamente / como velas
 num quarto escuro parecem brilhantes mas jamais Â luz do sol // com MÃ¡rio Faustino as Aulas / vÃ£o contra o peso do
 mundo e a pureza dos anjos / tÃªm alma cantante e risonha / imantada por luzes e sons / pulsam e palpitam o pulso
 contra os olhos vazios da morte / sÃ£o armas carregadas de futuro // nossa Aula / aponta setas de poesia direto para os

peitos / tira intenções piedosas / não pede definições precisas / nunca ordena «vai por aí» // vendaval louco que se solta / onda do mar que se eleva / um átomo mais que se anima // pecados sem adornos veredas de escamas / papéis úmidos de tinta desertos de malmequeres torrentes de pôr-de-sol / abismos sangrentos que tocam o fundo / paixão de suicidas que se matam sem explicação / para além de suas penas // Aula / canta teus poemas / como o ar treze vezes por minuto / para trazer impulsos coragem ferramentas / na fertilização de tantas outras

*

(Nisto, faltou luz. A Auleira acende a vela. Um fantasma de Aula flutua em direção à chama e cai. Morto. Antes de fechar o Caderno de Notas e de assoprar a vela, ela ainda tem tempo de variar uma frase do Padre Antonio Vieira: «Desculpe por tão longa Aula; mas é que não tive tempo nem peito de fazê-la breve»).

À

Referência

Lessing, Dãris, O carneira dourado, trad. de Sônia Coutinho e Ebrãia de Castro Alves, Círculo do Livro, São Paulo, 1972.

1. Se conserva la acepción de aula que, en el contexto discursivo que se aborda, se dimensiona como lugar de aprendizaje, de apertura educativa y de donación en devenir incesante.

À À À À À À À Auleiro es un profesor que hace/desarrolla/fabrica/produce las clases como poesía o sueño.